

PANORAMA ECONÔMICO



MIRIAM LEITÃO

Razões do Senado

• Começará agora a irritante rotina das fiscalizações do Fundo Monetário: seis avaliações em um ano é uma overdose de FMI. O Brasil está entrando em um programa em que terá que reduzir à metade o brutal déficit público e o Fundo espera que o Brasil consiga dar uma virada em sua balança comercial de US\$ 8,8 bilhões. Parecem metas inatingíveis. Se houve um lado positivo de tudo isto, foi o debate informado e instigante no Senado.

Os senadores levantaram questões pertinentes, expuseram angústias gerais.

— E se o dinheiro que está sendo oferecido ao Brasil pelo mundo sair pelo mesmo caminho que saíram US\$ 29 bilhões em quatro meses? — perguntou o senador Suplicy.

— Por que não aproveitar a entrada de recursos do FMI e dos países que nos socorrem e reduzir os juros já, livrando-se dos capitais especulativos? — quis saber o senador Levy Dias.

— Como retomar o crescimento e reduzir as aflições do país? — perguntou o senador Pedro Simon.

Houve até perguntas sobre detalhes técnicos, como a do senador José Eduardo Dutra, querendo saber se os reais da operação de swap com o Banco do Japão vão ampliar a base monetária. Houveram estocadas co-

mo a do senador Gerson Peres, que notou o orgulho com que Pedro Malan falava sobre a façanha de ter renegociado a dívida externa sem o apoio do FMI.

— Se é meritório não precisar do FMI, será demérito precisar dele?

ainda, o Brasil ainda é visto como um país que não está conseguindo reduzir seus gastos e viver dentro de suas possibilidades, e que o processo de ajuste, como o da Previdência, está sendo lento demais. Daí, os juros permanecerem altos.

O ministro tem razão, mas fica claro que o Brasil está prisioneiro de uma armadilha. Não pode reduzir os juros por causa do déficit; e o déficit está se tornando explosivo por causa dos juros. Precisa de reconquistar a credibilidade internacional, mas jamais o fará enquanto estiver com 8,3% de déficit nominal, como está agora. E chegou a este ponto principalmente por causa do custo dos juros, que elevou o déficit de 4,6% para 8,3% em 12 meses.

Malan, respondendo aos senadores, alertou para a tentação de se eliminar o custo financeiro da dívida com soluções simplistas. Elas são também violentas e inúteis, como foi o Plano Collor. E disse que os juros são sintoma dos desequilíbrios que o país acumulou. São sintomas sim, mas também são amplificadores. Esta é que é a armadilha.